



Educação e
SABERES DA TRADIÇÃO





CARLOS ALDEMIR FARIAS
MARIA DA CONCEIÇÃO DE ALMEIDA

Educação e
SABERES DA TRADIÇÃO



2025

Copyright © 2025 Carlos Aldemir Farias e Maria da Conceição de Almeida

Editores

José Roberto Marinho
Victor Pereira Marinho

Revisão

Afonso Henriques Real Nunes
Margarida Maria Knobbe
Roberta Soares Paiva

Design editorial e capa

Waldelino Duarte

Revisão de prova

Os autores

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Farias, Carlos Aldemir

Educação e saberes da tradição / Carlos Aldemir Farias, Maria da Conceição de Almeida. -
1. ed. - São Paulo: LF Editorial, 2025.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5563-536-2

1. Educação 2. Educação no campo 3. Educação - Aspectos socioculturais 4. Histórias de
vidas 5. Memórias I. Almeida, Maria da Conceição de. II. Título.

25-251036

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Devido à especificidade da língua portuguesa, adotam-se, neste livro, a maior parte dos termos no gênero masculino, com o propósito de facilitar a leitura, considerando os diversos referimentos ao longo do texto. Assim sendo, embora alguns termos sejam escritos no masculino, eles referem-se igualmente ao gênero feminino.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).



LF Editorial

www.livrariadafisica.com.br

www.lfeditorial.com.br

(11) 2648-6666 | Loja do Instituto de Física da USP

(11) 3936-3413 | Editora

Conselho Editorial

Amílcar Pinto Martins

Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell

Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva

Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandez

UNED Madrid

Iran Abreu Mendes

Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford

Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo

Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa

Universidade Estadual do Ceará

Maria Luisa Oliveras

Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia

Universidade de Lisboa

Teresa Vergani

Universidade Aberta de Portugal



Se queres ser universal, começa a pintar a tua aldeia.

Liev Tolstói

O mais certo desse mundo é que o mundo é incerto.

O natural é o real conhecido.

O sobrenatural é o real desconhecido.

O real se nutre do provável.

O método científico não serve para ter ideias, somente para tratá-las.

A História da Ciência é uma História de boas perguntas.

Jorge Wagensberg



Sumário

APRESENTAÇÃO	11
PARTE 1 - CARTOGRAFIA DOS SABERES DA TRADIÇÃO	15
UMA CARTOGRAFIA DOS SABERES DA TRADIÇÃO EM TESES E DISSERTAÇÕES	17
Introdução	17
Por que dar lugar de destaque aos saberes da tradição?	19
Procedimentos de métodos	21
Resultados e reflexões analíticas	25
Intelectuais da tradição	29
Sabedoria	31
Cultura	32
Memória	33
O método como estratégia	36
Lócus das pesquisas de campo	37
Oralidade e ofícios tradicionais	43
Vivências na tradição	47
Princípios éticos	50
Laboratórios da tradição	51
Resistir é preciso	54
Eixos temáticos	56
Escolas do campo e saberes da tradição	57
Ciências da Natureza e saberes da tradição	65
Histórias da tradição e Educação	72
Cultura, memória, estética e saberes da tradição	76
Aprender com a tradição: um protocolo de intenções	81
Considerações finais	84

PARTE 2 - EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO	95
SABERES DA TRADIÇÃO NA ESCOLA	97
DONA ONETE: A VOZ DA SABEDORIA	106
PARA UMA PEDAGOGIA DA DIVERSIDADE CULTURAL	111
Currículo escolar e diversidade cultural	113
Práticas curriculares e diversidade	117
PARTE 3 - CIÊNCIA E TRADIÇÃO	121
ESTALEIRO DE SABERES	123
O que é o Estaleiro de Saberes?	125
UMA CIÊNCIA PERTO DA NATUREZA	130
Observação do ecossistema	131
Comportamento dos animais	132
Sinais da vegetação nativa	133
Leitura dos fenômenos físicos	133
Lições de uma Ciência primeira	134
Aprender com a tradição	137
CIÊNCIA E TRADIÇÃO: A RÉGUA E O COMPASSO	140
PARTE 4 - UMA HISTÓRIA EM IMAGENS	149
SABERES DA TRADIÇÃO: UMA HISTÓRIA EM IMAGENS	151
Coleção Saberes da Tradição	151
Coleção Metamorfose	152
Imagens que contam histórias	154
REFERÊNCIAS	183
Produção Científica Examinada	196
Sites consultados	200
Ficha de leitura das teses e dissertações	201
APÊNDICES	203
Apêndice 1 — Dados da pesquisa	205

APRESENTAÇÃO

CARLOS ALDEMIR FARIAS
MARIA DA CONCEIÇÃO DE ALMEIDA

Um dos sintomas das ciências contemporâneas tem sido a superespecialização do conhecimento em áreas disciplinares. Tanto nas universidades quanto nas escolas, tem se tornado cada vez mais visível o distanciamento dos saberes, que não dialogam entre si.

Contudo, existem espaços de resistência a essa fragmentação, como o Grupo de Estudos da Complexidade (Gecom), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e o Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Nesses ambientes, exercita-se a religação dos saberes científicos entre si e deles com os saberes da tradição, por meio das pesquisas realizadas, em especial, as teses de doutorado e as dissertações de mestrado desenvolvidas nos dois grupos, no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Este livro nasce com o propósito de compartilhar a religação dos saberes, como uma forma de demonstrar leituras de mundo mais articuladas com a vida e as atividades dos nossos estudantes e das populações que vivem nos locais onde as pesquisas se desenvolveram. Esta é uma forma de resistência à fragmentação e também um exercício de compreender o mundo em sua complexidade, modulações, dinâmicas e singularidades.

Esta atitude diz respeito a uma ética de viver e conhecer, de modo a levar as universidades e seus estudantes a se comprometerem com uma atitude

dialógica diante dos graves problemas do mundo atual. Esses problemas não dizem respeito à demonização nem à sacralização das práticas socioculturais das diversas comunidades aqui estudadas. As pesquisas têm como horizonte a religação dos saberes, de modo a congregar modos de viver que se pautam por uma ecologia das ideias. Tal ecologia é entendida por Edgar Morin como uma atitude que faz dialogar saberes distintos no interior das ciências para construir futuros mais equânimes e solidários entre as populações.

De nossa parte, o livro é um exercício preliminar de religação. Temos por foco um diálogo entre ciência e tradição. Tradição é entendida aqui como um conjunto de saberes de populações distantes das tecnologias digitais e dos artefatos tecnológicos modernos, mesmo que algumas já façam uso limitado dessas tecnologias.

O leque ampliado das várias temáticas por nós orientadas, que se atêm aos saberes da tradição – escolas do campo; histórias da tradição; memória; histórias de vida; comunidades ribeirinhas; quilombolas; povos indígenas; sociedades rurais; pescadores artesanais; marisqueiras; agricultores tradicionais; benzedeiras; parteiras; curandeiras; olaria; xamanismo, entre outras práticas socioculturais¹ –, percorre o conjunto de trabalhos defendidos em cursos de mestrado e doutorado em duas universidades das regiões Norte e Nordeste do Brasil: Universidade Federal do Pará e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Os trabalhos aqui elencados circunscrevem as orientações de mestrado e de doutorado supervisionadas pelos autores deste livro e por outros colegas acadêmicos, contando com importantes aportes de pesquisas de campo realizadas em oito estados do Brasil, conforme o mapa apresentado páginas adiante, além do conjunto de 31 trabalhos acadêmicos (Apêndice 1), desenvolvidos num período de 25 anos (2000-2024), organizados em um quadro-síntese e analisados na Parte 1. Em outras partes deste livro, há escritos já publicados e esgotados, formando um conjunto sobre o tema saberes da tra-

¹ Cf. o livro *Práticas Socioculturais e Educação Matemática* (Mendes; Farias, 2014).

dição, que podem ser lidos separadamente e na ordem que mais interessar ou convier aos leitores.

Aqui, esses escritos aparecem com supressões e acréscimos para garantir sua atualidade. Outros textos são inéditos e foram desenvolvidos a partir de experiências de ensino, pesquisa e extensão, como o texto intitulado *Para uma pedagogia da diversidade cultural*, de autoria de Carlos Aldemir Farias, que sistematiza partes de suas experiências docentes na formação inicial de professores na Licenciatura Integrada da UFPA, e o texto *Estaleiro de Saberes*, de autoria de Maria da Conceição de Almeida, que resume as sete edições desse projeto de extensão do Grecom, desenvolvido na região do Vale do Açu² com professores da rede pública de ensino, entre 2008 e 2018.

Oferecemos, ainda, um catálogo de imagens de capas de livros, cartazes de eventos acadêmicos, capas de trabalhos científicos — dissertações de mestrado e teses de doutorado —, apresentados com a mesma intenção: contar as histórias e memórias de grupos sociais distantes do mundo tecnológico – Parte 4.

Desejamos que os leitores possam desenvolver seus próprios temas com vistas a realizar trabalhos de ordem complexa e transdisciplinar. Este foi o objetivo central que cercou o nosso propósito ao construir este livro.

² O nome deriva do termo *Taba-açu*, que significa “aldeia grande”. De acordo com as regras atuais de ortografia da língua portuguesa, a grafia correta é *Açu*, pois prescreve-se o uso da letra “ç” para palavras de origem tupi. Tal grafia é utilizada por órgãos federais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para se referir ao município. Contudo, a prefeitura da cidade utiliza em documentos oficiais o termo Assu e, às vezes, Assú. Neste livro, usaremos a grafia *Açu*.



PARTE

1

CARTOGRAFIA
DOS SABERES DA TRADIÇÃO



UMA CARTOGRAFIA DOS SABERES DA TRADIÇÃO EM TESES E DISSERTAÇÕES

CARLOS ALDEMIR FARIAS
MARIA DA CONCEIÇÃO DE ALMEIDA

Introdução

Desde o início da década de 1990, o Grupo de Estudos da Complexidade (Gecom), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tem investido em uma de suas linhas de pesquisa na orientação de trabalhos na pós-graduação *stricto sensu* que tratam do tema saberes científicos e saberes da tradição. Oriundo deste grupo de pesquisa, também no Norte do Brasil, na Universidade Federal do Pará (UFPA), Carlos Aldemir Farias tem igualmente investido no mesmo tema, com ênfase na Educação em Ciências e nos saberes tradicionais da Amazônia brasileira.

Para Almeida, M. (2010), o conceito de saberes da tradição denota conhecimentos que ultrapassam o passado e se mantêm no presente aclimatados à diferença sofrida pelos ambientes naturais e culturais. Contudo, não é sinônimo de senso comum. Os saberes da tradição constituem uma *Ciência primeira*, expondo métodos sistemáticos, experiências controladas e reorga-

nizadas permanentemente pelas sociedades tradicionais, ou seja, próximas à natureza, como sugere Claude Lévi-Strauss (1997).

Tal conceito tem sido constantemente problematizado desde meados da década de 1980. Conceição Almeida, na sua tese de doutoramento em Ciências Sociais defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1992, já problematizava essa noção conceitual, que se tornou, ao longo das últimas três décadas (1992-2024), um conceito-chave na produção científica na pós-graduação *stricto sensu* em Educação e em Ciências Sociais no Grecom, da UFRN, e no Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da UFPA, com os trabalhos orientados por Carlos Aldemir Farias e por outros pesquisadores desta universidade.

A Ciência é apenas uma das formas de conhecimento do mundo. Faz-se necessário e inadiável o intercâmbio entre saberes distintos e complementares para operar mudanças nas formas de pensar e de produzir conhecimento. Reconhecer e dar visibilidade a saberes e itinerários antiparadigmáticos do pensamento ocidental e afirmar os saberes da tradição como reservas antropológicas de conhecimentos plurais constitui o propósito deste capítulo, que tem parte substancial e empírica constituída por 18 teses de doutorado, 12 dissertações de mestrado e uma monografia de graduação (Apêndice 1) produzidas no período de 25 anos (2000-2024) em dois grupos de pesquisa, quais sejam: o Grupo de Estudos da Complexidade (Grecom), da UFRN, e o Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM), da UFPA.

Considerando o número de trabalhos já produzidos e defendidos nos três programas de pós-graduação já mencionados — Educação; Ciências Sociais e Educação em Ciências e Matemáticas —, propomos fazer uma análise dessa produção científica, cuja temática principal é o reconhecimento, o diálogo e a relação de complementaridade entre os saberes científicos e os saberes da tradição. A expressão saberes da tradição não denota conhecimentos dos saberes do passado nem é sinônimo de senso comum. Saberes da tradição

são reservas antropológicas de conhecimentos plurais presentes em todas as culturas humanas, conforme já afirmamos anteriormente.

O conceito de saberes da tradição tem sido mobilizado por pesquisadores de diferentes campos do conhecimento desde as últimas décadas do século XX — Educação; Ciências Sociais; Educação Matemática; Educação em Ciências; Ciências Ambientais; Meio Ambiente; Etnomatemática e Etnofísica —, conforme pudemos constatar no levantamento dos trabalhos acadêmicos por nós construído, nos meses de abril e maio de 2024, realizado por meio do Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como no catálogo de resumos de teses, dissertações e monografias do Grupo de Estudos da Complexidade (Gecom, 2024).

Por que dar lugar de destaque aos saberes da tradição?

Porque nenhuma sociedade procura conhecer aquilo que não lhe diz respeito, aquilo que não necessita conhecer para viver seu dia a dia, para construir sua história, para responder às questões e aos problemas com os quais se defronta.

Como sabemos, vivemos em um mundo com ritmos desiguais de vida. Enquanto algumas populações habitam as cidades com serviços de saúde e ocupações produtivas nos moldes das sociedades modernas, outras vivem em pequenos lugarejos que nem sempre contam com hospitais, médicos, farmácias, escolas, universidades e os confortos urbanos. O mesmo ocorre com pessoas que cuidam dos roçados, da colheita de frutos e de outros serviços necessários à sobrevivência humana.

Nesse cenário de mundo, que convive com as grandes cidades, ainda há diversas populações originárias que dependem de *experts* que sabem fazer partos, curar doenças, produzir medicamentos naturais, fazer coletas de frutos de difícil acesso, produzir peças de cerâmica, cuidar dos animais e conservar alimentos para utilizar em períodos de escassez. Sempre viveram assim, sempre se ocuparam de tarefas nobres da vida humana; sempre fizeram uso

de uma sabedoria aprendida com as gerações passadas; sempre repassaram suas técnicas e habilidades para a geração mais jovem como meio de permanecer no seu lugar.

Uma Ciência que não reconhece as habilidades das populações originárias — povos indígenas, quilombolas e rurais — é uma Ciência cega, arrogante e sem conhecimento da nossa milenar história humana. Cabe perguntar: Como teríamos chegado ao século XXI se não fosse a existência da medicina tradicional, sem as destrezas para coletar frutos sem exaurir a natureza e de tantos outros saberes e técnicas que deram conta das necessidades humanas?

Uma Ciência que anda de mãos dadas com a história humana, uma Ciência da complexidade, que compreende a habilidade dos humanos em qualquer época e lugar do passado, cumpre com seu papel de não só reconhecer essa antecedência, mas dar-lhe visibilidade.

Esse é o propósito deste livro: dar visibilidade ao que chamamos saberes da tradição. Devemos reconhecer que, ao lado da Ciência oficial, existe uma *Ciência primeira*, conforme expressão de Lévi-Strauss (1997), fruto da aprendizagem e da troca de experiências do ser humano com a natureza. É esse o objetivo maior deste livro que congrega um amplo leque de exemplos das experiências de intelectuais da tradição espalhados em duas regiões geográficas do Brasil – Norte e Nordeste, conforme o leitor irá constatar nas páginas que adentram este volume.

Neste livro, os estados do Pará e do Rio Grande do Norte ganham centralidade nas pesquisas de campo, porque orientamos trabalhos acadêmicos na UFPA e na UFRN. Mas, certamente, encontram-se diversos intelectuais da tradição em outros estados brasileiros que não tiveram a oportunidade de registrar seus saberes e suas técnicas de trabalho no campo, na medicina natural, na olaria, na conservação de alimentos e na destreza de construir meios de transporte e habitações. Se elencarmos os ofícios tradicionais, veremos que são muitos e de diversas naturezas. Foi isso que fez a espécie humana chegar até aqui e contar partes de sua história.